

Noites de sociabilidade: identidade e diferenciação social nos bailes da elite de Rio Grande – RS (década de 1950)

MARINA KRÜGER PELISSARI*

O presente artigo analisa os bailes da elite¹ da cidade do Rio Grande – RS, que aconteciam em clubes recreativos durante a década de 1950, procurando pensar sobre sua dinâmica, suas regras e seus freqüentadores. Busca-se compreender como as práticas da vida social da elite contribuíram para a (re)construção da identidade e das representações² desse grupo, e o esforço de diferenciação dos seus freqüentadores em relação a outros grupos desta sociedade. Estas pessoas faziam parte de uma determinada camada da sociedade que, através de sua maneira de vestir, de se comportar, dos lugares que freqüentavam e do seu discurso se diferenciavam de outros segmentos. O espaço de sociabilidade de um grupo e a repercussão destas festas são amostras de como esse se entende dentro de uma sociedade e em relação a outros segmentos que não se encaixam em um perfil determinado para freqüentar essas associações.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bolsista CAPES. Email: marinapelissari@gmail.com.

¹ É utilizado o termo “elite” para definir o grupo aqui estudado pois esta palavra é usada pela cronista para referi-lo, utilizando mais especificamente “elite social”. Segundo Flávio Heinz (2006) o termo elite é empregado em um sentido amplo e descritivo, que normalmente faz referência a pessoas ou grupos que parecem ocupar o “topo”, os “privilegiados” ou “abastados”. Este entendimento nem sempre precisaria de muitas justificações, pois o poder da elite se imporia por si só, não necessitando de maiores explicações (HEINZ, 2006:7). Entende-se aqui que a noção de *elite* diz respeito a aspectos materiais, mas também à percepção social que os atores tem acerca da desigualdade no desempenho dos seus papéis sociais (HEINZ, 2006:7) e ao poder (real, material, mas também simbólico) que apenas alguns detêm. “Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças” (PESAVENTO, 2005:41) Este poder é “derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, bem como a posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes aspectos” (NEEDELL, 1993:275). A essas características soma-se a auto-imagem – ou seja, a representação – que estas pessoas têm, como pertencentes de um grupo determinado, como fala Jean-François Sirinelli: “as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete” (SIRINELLI, 1998:262).

² Procura-se uma aproximação do conceito de representação utilizado por Roger Chartier, vinculando “as relações sociais às formas como os indivíduos ou grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2009, p. 49). Segundo este autor as representações não são simples imagens - verdadeiras ou falsas - de uma realidade externa, “elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p. 50). A existência de representantes – sejam individuais ou coletivos, concretos ou abstratos – garantem a estabilidade e a continuidade destas representações simbólicas. Assim, podemos dizer que as representações são o “modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais” (CHARTIER, 1991, p. 6)

Serão analisados os bailes que aconteciam em três clubes freqüentados pela elite: o Clube do Comércio, o Clube Caixeiral e a Associação dos Empregados no Comércio. Esses clubes localizavam-se no centro da cidade, próximos uns aos outros e eram tidos como os lugares freqüentados pelas pessoas mais privilegiadas financeiramente. Entende-se que o centro, lugar de origem da cidade, se caracteriza muitas vezes por ser um local de política, economia e religião, mas também de cultura e de intensa sociabilidade (PESAVENTO, 2007:2). É neste centro que aconteciam grande parte dos eventos sociais da elite, não só em espaços fechados como os clubes, mas também em cafés, confeitarias, cine-teatros, praças, etc. Em alguns momentos também serão citados os bailes do Hotel Atlântico e da Sociedade Amigos do Cassino (SAC), que aconteciam no Balneário Cassino durante o verão, pois tinham o mesmo público que os três clubes do centro da cidade.

A vida social rio-grandina será analisada a partir de crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande*, além de reportagens e convites para os bailes publicados no mesmo jornal e entrevistas feitas com freqüentadores dos bailes aqui estudados. Estas crônicas assemelham-se ao que hoje são as colunas sociais, porém com maior espaço para o texto escrito. Nas pesquisas feitas em trabalhos prévios (PELLISSARI, 2008; 2010) com as crônicas sociais publicadas durante a década de 1950 até começo da década de 1960 neste jornal, foi possível perceber colunas sociais com três nomes e duas cronistas. O “*Flash Social*”, primeira crônica a ser publicada neste jornal, abarca o período de 28 de junho de 1956 a 27 de fevereiro de 1957 e é escrito por MyrAz. De 20 de novembro de 1957 a 27 de janeiro de 1959 é publicada, no lugar de “*Flash Social*”, a “*Crônica Social*”, escrita por Zicil. A partir de 4 de fevereiro de 1959 a “*Crônica Social*” passa a se chamar “*TIC-TAC*”, porém continua a ser escrita por Zicil, estendendo-se até 31 de dezembro de 1960.

A partir da leitura destas crônicas foi possível perceber que MyrAz e Zicil eram pseudônimos de Myrian Azevedo e Cecília Gondenberg, respectivamente. Elas eram jovens (estima-se que entre 18 e 25 anos) integrantes da elite sobre a qual escreviam. Myrian Azevedo, com um período como cronista mais curto, era referida diversas vezes nas crônicas escritas por Zicil, falando sobre seu casamento, sua elegância, sua participação em eventos, o nascimento de seu primeiro filho, etc. Já Zicil deixa entrever,

em sua escrita, sua amizade com muitas das pessoas sobre as quais fala e a sua posição como participante da “turma”.

1. A dinâmica do baile: regras e costumes

De acordo com freqüentadores dessas festas, existia alguma diferenciação – mesmo que implícita ou inconsciente – no que concerne os clubes do centro e os clubes dos bairros e entre clubes ligados a nacionalidades ou profissões. Esta separação não era física, mas simbólica, construída com o tempo, feita pelos rio-grandinos de acordo com seus costumes e valores. Os moradores do Bairro Cidade Nova iam a bailes no Clube Ferroviários e no Clube Águia Branca; os portugueses freqüentavam o Centro Português e o Grêmio Lusitano; os alemães freqüentavam a Sociedade Germânia; no Jôquei Clube iam os ingleses e nos Clubes do centro (Clube do Comércio, Clube Caixeiral e Associação dos Empregados no Comércio) comerciantes, pessoas que trabalhavam em altos cargos nas indústrias, além dos moradores dessa parte da cidade. Portanto, quem participava de festas no Grêmio Lusitano não participava, por exemplo, de festas no Clube do Comércio, “era uma seleção mesmo” (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:2). Sobre o Grêmio Lusitano, uma entrevistada disse: “Aí já era... um degrau abaixo. Era um degrau só, nada de diferença, mas ali se estabelecia uma pequena diferença, só em freqüentar o clube né?” (MIRANDA, 2008:8). O Clube do Comércio se destacava por ter como sócios as “pessoas mais... abonadas” (ALBRECHT, 2007:2), “(...) médicos, gerentes de bancos, donos das fábricas, todos esses faziam parte do Clube do Comércio” (COSTA, 2008:3), sendo esse o Clube mais fechado no que diz respeito à participação de não-sócios. O Clube Caixeiral e a Associação dos Empregados no Comércio eram mais “abertos”.

A participação nestas festas era restrita, sendo necessário ser sócio do clube ou conseguir convites especiais por meio de amigos (COSTA, 2008:3) para freqüentá-las. O Clube Caixeiral publicou no Jornal *Rio Grande* uma nota esclarecendo como seria possível aos não associados conseguirem convites especiais, tendo em vista sua grande procura para os bailes de carnaval e tentando “salvaguardar os legítimos interesses de nossos associados e (...) proporcionar aos mesmos o ambiente social que estão

acostumados a usufruir em nossas reuniões” (CLUBE CAIXEIRAL, “*Carnaval*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1956).

O associado e sua família tinham direito ao “convite social” que deveriam apresentar na entrada do baile (por vezes o recibo, pago, correspondente ao mês) (CLUBE DO COMÉRCIO, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 16/07/1955). Além desse convite enviado aos sócios a divulgação da festa era feita pelas crônicas sociais e por convites publicados nos jornais. O convite, normalmente, tinha o seguinte texto:

Convidamos nossos distintos Consócios e Exmas. Famílias, para o grandioso baile que levaremos a efeito em nossos salões de festas, na noite de 26 do corrente, com início às 22 horas, e que será abrilhantado pela famosa ‘Orquestra Espetáculo Cassino de Sevilha’ a maior orquestra do mundo no seu gênero (...). Servirá de convite para este baile, o recibo correspondente ao mês de junho pp. (...) Traje passeio. (CLUBE DO COMÉRCIO, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 16/07/1955).

A família, segundo estas associações recreativas, era formada pelo pai, a mãe e os filhos. Aos filhos maiores de idade e que já não moravam mais com seus pais era reservada a opção de pedir convites especiais, concedidos ou não por uma Comissão, ou poderiam associar-se individualmente quando possuíam renda. A entrada de pessoas menores de 15 anos era proibida e era necessária a presença dos pais para acompanhar filhos menores de 18 anos. (CLUBE CAIXEIRAL, “*Carnaval*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1956).

Era comum as meninas começarem a freqüentar os bailes apenas depois de debutarem, a partir dos 15 anos, quando eram apresentadas formalmente à sociedade e dela começavam a “fazer parte”. Antes disso, elas deveriam ficar em casa, não tendo a permissão dos pais – ou o respaldo da sociedade – para irem às festas. Algumas ficavam observando, dos cafés que existiam perto dos Clubes, as pessoas entrando, mas não podiam fazer o mesmo (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:7). O estranhamento em relação à desobediência dessas regras sociais pode ser traduzido pela fala de uma cronista: “Fato curioso foi a presença nessa festa de garotas que ainda nem debutaram oficialmente. Uma homenagem à Marinha?!?”³ (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958)

Era importante que as meninas ainda menores de idade, mas maiores de 15 anos fossem acompanhadas pelos pais às festas. As mulheres entrevistadas afirmam que não

³ Sobre as festas com a participação dos marinheiros se falará a seguir.

tinham a permissão dos pais para irem sozinhas aos bailes. Deviam ser acompanhadas pela família ou, em algumas situações, podiam ir com algumas amigas, sendo os pais dessas responsáveis pelo grupo e conhecidos da família (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:6).

Portanto, estes bailes tinham, normalmente, algumas regras a serem seguidas por seus freqüentadores. Não eram todas as pessoas que desejavam participar que podiam ter acesso a eles. As festas destes três clubes eram freqüentadas por pessoas de uma camada média/alta (MIRANDA, 2008:5-8) que normalmente moravam no centro ou perto dele (MIRANDA, 2008:8; COSTA, 2008:4), área nobre da cidade, que haviam estudado ou estudavam em colégios como o Santa Joana d'Arc e o São Francisco (particulares) e o Lemos Júnior e o Juvenal Miller, que passavam o verão no Balneário Cassino e iam a festas nos clubes citados (MIRANDA, 2008:8). As pessoas se dividiam em “turmas” definidas por afinidades, apesar de, por ser uma cidade pequena, todos se conhecerem. Eram turmas de escola e de vizinhança e que freqüentavam os “grandiosos bailes” (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956) nos “amplos salões” (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/02/1957) dos clubes.

Nos jornais eram recorrentes as publicações de notas como as que solicitavam “a especial fineza dos senhores associados não se fazerem acompanhar de crianças e nem de pessoas estranhas a exma. família” (CLUBE CAIXEIRAL, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1950). Nota-se nessa recomendação a preocupação em impedir a participação de pessoas que não faziam parte da mesma vida social dos sócios. A presença de crianças também é condenada, por atrapalhar o andamento da festa e porque não tinham idade para freqüentar esses locais. A sua presença ia de encontro às regras estabelecidas pelos clubes e às regras sociais implícitas ao convívio social.

As preocupações com a sociabilidade faziam parte das mais importantes recomendações. A diretoria do clube pedia a colaboração de todos os associados para o cumprimento dessas regras estabelecidas com o intuito de que as “(...) reuniões transcorram dentro do ambiente alegre e socialmente elevado em que vêm sendo efetuadas.” (CLUBE CAIXEIRAL, “*Carnaval*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1956). Assim, dentro do baile haviam regras a serem seguidas, fossem elas impostas pelo clube ou pela família dos participantes. As regras ditadas pela família faziam parte da educação dada pelos pais a seus filhos, diziam respeito a como as pessoas deveriam se

portar em um lugar público, como se sentar, como comer, como falar, como vestir-se, como dançar adequadamente. Isso “já vinha de casa” (MIRANDA, 2008:9), mas se esses costumes não fossem respeitados dentro do baile haveria quem disciplinasse o local e as pessoas fora do padrão (MIRANDA, 2008:10). Pessoas com modos impróprios eram repreendidas. A cronista “Zicil” ironiza a postura do Presidente e do Vice-Presidente do Clube do Comércio que continuavam “assistindo” aos bailes em vez de dançar, como se eles estivessem observando as atitudes dos presentes (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 08/01/1958). Mais de um ano depois ela volta a falar dos dois: “Desta vez o presidente e o vice abusaram da dança. Não há dúvida que a orquestra convenceu mesmo, pois até os ‘fiscais de salão’ esqueceram as funções e entraram na valsa.” (ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 15/04/1959).

O traje era um fator importante para a participação nas festas. Nos convites publicados nos jornais lia-se, na maioria das vezes, o pedido para o uso do “traje passeio”, composto, na época, de vestido para as mulheres e terno e gravata para os homens. Nos carnavais pedia-se o uso de fantasia fina e era proibido o uso de “trajes de praia, camiseta de malandro, calças de brim Coringa, bem como outros trajes menos convencionais.” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/02/1958).

Vestir-se adequadamente era o que se esperava dos frequentadores, citados nas crônicas como pessoas elegantes e de bom gosto. As “toilettes” usadas pelas senhoras, “senhorinhas” e “brotinhos” eram muito observadas, elogiadas e descritas no jornal. A cronista normalmente citava o nome da moça e descrevia o traje usado, sempre de maneira elogiosa. A comprovação da importância das roupas usadas está no fato de no final do ano ser publicada pela colunista “MyrAz”, do “*Flash Social*”, a lista “As Dez Mais Elegantes” do ano (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 24/12/1956), prática à qual “Zicil” deu continuidade: “Depois de longa análise, aliás deveras difícil, consegui analisar (sic) a lista das ‘Dez mais elegantes’ senhoras e senhorinhas que se destacaram no ‘society’ desta cidade, durante o ano de 1956.” (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 24/12/1956). Os homens não eram totalmente excluídos dessa parte, normalmente reservada às mulheres. No final da década havia a lista “Os mais elegantes senhores da cidade” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 11/12/1957).

Alguns dos bailes promovidos tinham temas ou motivos específicos. Os bailes de carnaval eram muito concorridos e ganhavam grande destaque nas crônicas sociais. O baile do sábado anterior ao carnaval do Clube do Comércio, os bailes infantis da Associação dos Empregados no Comércio e o baile de segunda-feira do Clube Caixeiral já eram tradicionais. Esse último era um baile classificado como o melhor e o mais divertido (MIRANDA, 2008:1-2). Segundo uma das pessoas entrevistadas o baile do Clube do Comércio “era um baile mais chique, mais sofisticado, mais calmo, mas era um baile bom. Agora não dá pra se comparar com o baile do Clube Caixeiral e o da Associação que eram bailes mais de gente jovem sabe... era bom mesmo!” (MIRANDA, 2008:1-2). Durante o mês de fevereiro, portanto, as cronistas se dedicavam a fazer comentários sobre esses bailes:

Concorridíssimos estiveram os bailes carnavalescos da Associação dos Empregados do Comércio, para isso contribuiu a ótima Diretoria do Clube que não mede esforços no sentido de proporcionar o máximo a seus associados e também a orquestra que além de muito animada esteve com ótimo repertório de músicas deste carnaval. Digna de cumprimento a ornamentação, feita pelo Sr. Franklin Bastos. Parabéns à Diretoria da Associação no Comércio pelas magníficas festas apresentadas no Reinado do Momo.

xxxx

Momo no Caixeiral...

Tradicionalmente comentado, o Clube Caixeiral na segunda-feira é sempre o líder do Carnaval riograndino, desta vez não só um lugarzinho no salão era coisa bastante difícil, como até a entrada no Clube exigia certo respeito às filas indianas. Os foliões sentem-se no Clube Caixeiral no maior dos ‘a vontade’ e talvez seja por isso que ali encontramos verdadeiras exibições de sambistas (Este comentário refere-se aos demais bailes, pois no de segunda-feira não havia espaço para demonstrações.) Cumprimentos à Direção do Clube Caixeiral por seus bailes que se enquadram entre os melhores da cidade. (ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 17/02/1959)

Outros bailes tradicionais na agenda social da cidade eram os Bailes de Debutantes e de Reveillon, especialmente os do Clube do Comércio. O Baile das Debutantes do Clube do Comércio acontecia ou dia 31 de dezembro, junto com a comemoração do Ano Novo, ou dia 6 de setembro, aproveitando as comemorações da Independência. Esta festa era um grande acontecimento na cidade. As crônicas noticiavam quem seriam as debutantes, os estilistas e modistas que confeccionavam seus vestidos, descreviam esses vestidos e elogiavam as meninas que mais se destacavam por sua beleza, elegância e simpatia:

A nota máxima da noite foi, sem dúvida alguma, a apresentação das debutantes. Um grupo de graciosas jovens, ostentando lindos vestidos, ultrapassou a expectativa dos presentes. Apresento os cumprimentos às

senhorinhas Maria Teresa Silva e Lucy Mendes, que aconteceram ‘em suspense’ abafando de verdade. (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957)

Este era um baile importante para as debutantes e para sua família, não só por que a partir desse dia as meninas passariam a “fazer parte” da sociedade, mas também por ser uma oportunidade para cada uma, junto com seus familiares, mostrar seus atributos, sua beleza, sua educação, sua simpatia e sua riqueza.

Debutantes

Desfile de elegância, graça e beleza apresentaram as jovens debutantes à sociedade Rio Grandina no baile do ‘reveillon’. (...) A opinião geral é que jamais um conjunto de meninas moças esteve tão homogêneo em luxo e encanto como nas debutantes de 1957. (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1958)

Percebe-se que as cronistas, além de mostrarem a sua própria opinião sobre os bailes ou sobre seus freqüentadores, também fazem desse julgamento uma opinião unânime. Expressões como “a opinião geral” do trecho citado acima são recorrentes e mostram como a cronista fala – ou pensa falar – por todo um grupo de pessoas que freqüentam estas festas.

O Reveillon era um evento importante, que rendia bailes concorridos, principalmente quando tinham como atração o desfile das debutantes. O clima de “*ano novo... vida nova*” aliado a grande variedade de bebidas oferecidas incentivava as comemorações e, por vezes, a “expansão de sentimentos”, como relata a cronista:

Ano novo... vida nova... toilettes novas e chics, aliás ‘três chics’, foi o que se verificou no decorrer desse magnífico baile, onde todos desabafaram alegria e otimismo, num ambiente cordial e feliz. Evidentemente, os wiskeys, champagnes, cuba-livres e outras diversas qualidades de drinks, ingeridos durante o rompimento do ‘new-year’, foram os fatores primordiais que impulsionaram essa expansão de sentimentos. (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957)

Alguns bailes eram promovidos em homenagem aos navios da Marinha do Brasil que atracavam alguns dias em Rio Grande (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:14; MIRANDA, 2008:11; COSTA, 2008:4). Esses navios, como o Custódio de Mello e o Tamandaré, ficavam na cidade três ou quatro dias e eram recebidos com muita pompa pelos clubes e pelo Capitão dos Portos. Havia uma relação de cordialidade entre os oficiais e os rio-grandinos e quando os navios estavam na cidade grandes festas aconteciam. Além dos bailes nos clubes os próprios oficiais ofereciam festas nos navios. Essas festas são sempre descritas como muito glamorosas, com música e comida de

qualidade, sendo sempre muito concorridas (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:14-15; ZICIL, Crônica Social, Jornal Rio Grande, 13/10/1958, 17/10/1958, 20/10/1958, 14/01/1959, 21/01/1959, 27/01/1959).

Segundo as fontes pesquisadas esses visitantes eram recebidos muito bem, principalmente pelas “senhorinhas”. Os bailes ficavam repletos de “moças casadoiras” e de brotinhos procurando um namorado ou até um marido: “Eram festas maravilhosas, claro que naquela época nós íamos todo mundo de olho nos oficiais né, as gurias...” (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:14). Quem não gostava muito dessas visitas eram os rapazes. Segundo as entrevistadas os namorados ficavam furiosos e muitos não iam aos bailes. Alguns, porém, viam com ironia o “assanhamento” das meninas (ARRUDA; TRAPAGA, 2007:15). Em uma crônica de setembro de 1959 foi publicada uma nota com a frase de um rapaz por ocasião da visita do navio Custódio de Mello na cidade, ela diz: “Um dos rapazes de maior projeção entre as garotas comentou com os amigos: - Eu estava mesmo precisando repousar um pouco, assim vou aproveitar a chegada dos marinheiros para fazer um retiro.” (ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 14/09/1959).

Essa era uma época em que os concursos de Miss estavam na moda. Era constante a presença das misses da cidade na crônica social e o oferecimento de bailes em homenagem a elas. Eram promovidos bailes especialmente para os concursos de “Miss Rio Grande”, “Miss Elegante Bangú”, “Miss Cassino”. O “Miss Bangú” era um concurso oferecido pela fábrica de tecidos Bangú (ARRUDA, TRAPAGA, 2007:3; COSTA, 2008:2). Os tecidos eram dados a algumas “senhorinhas” que se destacavam na sociedade. Cada uma fazia um vestido com o tecido ganho e desfilava com ele, concorrendo ao título de “Miss Bangú”. A vencedora de Rio Grande ia concorrer em Porto Alegre e a vencedora de Porto Alegre concorria novamente no Rio de Janeiro. Nomes como o de Magda Libório e Myrtis Bergamaschi – vencedoras em Rio Grande do “Miss Bangú” – e o de Terezinha Flôres e Telma Tavares Marques – vencedoras do “Miss Rio Grande” – são constantemente lembrados pelas cronistas como sinônimos de elegância e beleza, servindo como modelos para as outras moças.

Às vezes os bailes não tinham um tema definido. Os clubes ofereciam as festas com a animação de alguma orquestra de fora da cidade, mas a festa em si não tinha um motivo específico além do intuito de divertir as pessoas. A orquestra, muitas vezes, era um importante fator para o sucesso de público do baile. Orquestras de fora, como

“Cassino de Sevilha” e “Suspiros de España” traziam grande número de pessoas às festas. Uma orquestra boa, que conseguisse empolgar os participantes, era sinônimo de uma festa bem sucedida:

Do ritmo Cubano (cha-cha-cha, guarachas e mambos) passou-se ao samba cadenciado e batucado, demonstrando o ‘Jazz’ possuir um variadíssimo repertório, o que é, sem dúvida alguma, o fator mais importante para a animação de um baile. (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956)

Independentemente de qual era o tema do baile ou a orquestra que tocava, nota-se sempre a presença de regras e recomendações sobre quem pode participar, de como se portar, de como se vestir, do que podia ou não dentro desses ambientes. Os lugares de divertimento e encontro se mostravam, muitas vezes, também lugares de diferenciação, de construção e reforço da identidade de um grupo, como veremos a seguir.

2. Os bailes como espaço de diferenciação e a identidade da elite

Ao se estudar a década de 50 na cidade do Rio Grande percebe-se que a cidade tinha uma vida social movimentada. As formas de sociabilidades apresentadas até aqui, que aconteciam nos clubes durante os bailes, mostram algumas características de um grupo social importante na época. O discurso presente nos jornais dessa década e as lembranças das pessoas que viveram neste tempo falam de uma camada da sociedade restrita àqueles que preenchiam os requisitos para participar dela. Pessoas com uma situação financeira abonada, de boa educação e cultura, que freqüentavam os lugares “certos” e se portavam adequadamente, enfim, a “mais fina sociedade rio-grandina”.

Essas falas que nos contam quem fazia parte do grupo ou não, ou como era esse grupo, podem ser percebidas tanto nas crônicas sociais escritas pelas colunistas, quanto nos convites e nas notas publicadas pelos próprios clubes. Quando os clubes solicitam, em seus convites, que as famílias de sócios não levem pessoas estranhas às festas, já nota-se que não são todas as pessoas bem-vindas. Acredita-se que esse pedido não se explica apenas por essas “pessoas estranhas” não serem sócias e, assim, não pagarem a mensalidade, mas também por uma tentativa de escolher quem são as pessoas que se encaixam nesse tipo de local, impedindo a entrada, por exemplo, de pessoas mais pobres, não tão bem vestidas ou bem educadas.

Nota-se, principalmente nas crônicas, uma maneira muito própria de descrever os acontecimentos, com palavras positivas e superlativos que procuram mostrar como estes ambientes eram diferentes de outros, mais chiques e glamorosos. Segundo as crônicas os bailes oferecidos eram sempre esperados com muita expectativa, já que se mostravam sempre divertidos e agradáveis. Percebe-se isto no comentário sobre um Baile de São João que aconteceria no dia seguinte:

Reina enorme expectativa no seio da sociedade local para esse grande acontecimento mundano na vida cidadina fadado a marcar época nas festas sociais do Rio Grande. (...) Realmente não houve até hoje festa que merecesse tanto cuidado e tanto entusiasmo como a de amanhã (CLUBE CAIXEIRAL, “Convite”, *Jornal Rio Grande*, 23/06/1950)

É comum encontrar frases como “O baile prolongou-se animado e muito concorrido” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/09/1958), “Passando ao baile, que decorreu sempre animado, apesar do calor reinante (...)” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958), “Sucesso completo obteve o baile oferecido à Marinha (...)” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 21/01/1959), “Um baile realmente ‘bem’” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957) ou ainda “Êsse baile (...) está indicado como um dos maiores acontecimentos sociais do Clube do Comércio.” (ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 23/03/1959) para descrever os eventos. É um discurso que não deixa dúvidas quanto ao sucesso e animação dos bailes e que estende estas características a seus frequentadores e, por fim, a todo um grupo.

Analisando os comentários de “MyrAz” pode-se perceber algumas palavras e expressões que reforçam a idéia de bailes realmente elegantes e divertidos. Esse efeito é dado, também, por causa dos exageros e do uso de superlativos. Duas passagens deixam isso claro:

Conforme estava programado, realizou-se sábado, dia 8 do corrente, grandioso baile no Clube do Comércio, em comemoração ao seu aniversário e, também, a Semana da Pátria. Salão completamente lotado, mesas ‘idem’, ambiente ‘três chic’, salientando nossa ‘gente bem’. O número elevadíssimo de pares dançando impossibilitou-me observar os trajes, detalhadamente. Contudo posso adiantar que eram belíssimos. (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956. Com aspas no original. Grifos meus.)

O tradicional ‘Réveillon’ realizado no ‘mui nobre’ Clube do Comércio aconteceu distintamente na madrugada de primeiro de janeiro do novo mil novecentos e cinquenta e sete. Ano novo... vida nova... toilettes novas e chics, aliás ‘três chics’, foi o que se verificou no decorrer desse magnífico baile, onde todos desabafaram alegria e otimismos, num ambiente cordial

e feliz. (MYRAZ, “Flash Social”, Jornal Rio Grande, 05/01/1957. Com aspas no original. Grifos meus.)

A escolha das palavras para descrever os bailes não é feita ao acaso. Palavras como “grandioso” e “magnífico” tem a intenção de não deixar dúvidas quanto a sua imponência, assim como as expressões “completamente lotado” e “número elevadíssimo de pares dançando” não deixam dúvida do sucesso de público. O local da festa é sempre ilustre, sendo tratado por “tradicional”, “mui nobre”, e o ambiente “cordial” e “feliz”. As pessoas recebem os mais diversos adjetivos, sempre elogiosos como “gente bem”, “belíssimos”, “distintamente”, “chics”, “très chics” e se comportam com “alegria” e “otimismo”. Falas de desagrado ou críticas são muito raras nessas crônicas, que procuram sempre passar uma imagem positiva da sociedade e, quando acontecem, são feitas com ironia ou em tom de brincadeira.

A expressão “gente bem” é usada regularmente nas crônicas para designar as pessoas dessa camada, acredita-se que em uma alusão ao dito popular “gente de bem”. Durante um tempo, inclusive, funcionou no Clube do Comércio a “Boite Bem”, uma boate freqüentada por essas mesmas pessoas, principalmente os jovens, e que funcionava em fins de semana que não aconteceriam os bailes. A “Boite” fez muito sucesso, mas parou de funcionar devido a reformas no prédio do Clube do Comércio. Portanto, além de se autodenominarem “gente bem” esse grupo ainda fundou uma festa com esse nome, reafirmando ainda mais a sua identidade.

Os freqüentadores destes lugares também aparecem sempre cercados de elogios. São constantemente tratados por elegantes e finos, nunca fazendo menção direta a riqueza ou dinheiro. Porém, mesmo sem ser dita em palavras, a riqueza e distinção fica explícita na descrição tanto das pessoas quanto dos lugares e dos próprios bailes. As pessoas são representadas como o “*grand monde*’ papareia⁴” (MYRAZ, “Flash Social”, Jornal Rio Grande, 05/01/1957), “(...) um conjunto de meninas moças (...) homogêneo em luxo e encanto.” (ZICIL, “Crônica Social”, Jornal Rio Grande, 06/01/1958), “elementos da melhor sociedade” (ZICIL, “Crônica Social”, Jornal Rio Grande, 20/01/1958) e “o máximo da fina sociedade riograndina”. A grandeza desse grupo, sua simpatia e elegância dão o tom do discurso: “O máximo da sociedade

⁴ São chamadas “papareia” as pessoas nascidas em Rio Grande, numa alusão às ruas de areia fina e às dunas móveis que enchiam os lugares de areia antes da pavimentação das ruas.

riograndina, bem como destacados elementos de várias cidades do Estado, que atualmente veraneiam no Cassino, compareceram exibindo delicioso desfile de modas.” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/01/1959)

Além dessas características, um elemento identitário próprio desse grupo era a forma de se vestir. As roupas tinham grande importância, tanto que a maioria das crônicas tem a descrição dos modelos usados pelas senhoras e senhorinhas. Eram roupas elegantes, chiques e que chamavam atenção por isso a ponto de serem motivo de curiosidade por parte dos leitores das crônicas. Os concursos de elegância ou beleza também denotam uma diferenciação. Ao escolher as mulheres e homens mais bonitos e elegantes está implícita a idéia que pertence àquele grupo essa pessoa e não a outros. Portanto, além da riqueza e bom comportamento esse grupo abriga ainda as pessoas mais bonitas, elegantes e bem tratadas.

Os clubes, tanto quanto as pessoas que os freqüentam, também são vistos como o que de mais glamuroso existe em Rio Grande. Além de abrigarem os mais “grandiosos bailes” (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956), como são descritos recorrentemente, são também vistos como “prestigiosa entidade” com “tradição na vida social do Rio Grande”. É comum, ainda, o jornal referir-se aos “luxuosos salões do Clube do Comércio” (JORNAL RIO GRANDE, 13/05/1955), sendo esse clube citado muitas vezes como o “*‘mui nobre’* Clube do Comércio” (MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 02/10/1956, 05/01/1957). O título de uma crônica de 1958 não deixa dúvidas da opinião sobre esse clube: “Clube do Comércio – Ponto Máximo das Festas Sociais” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958). O texto da crônica ainda reafirma a idéia dizendo que “Inegavelmente o Clube do Comércio lidera os grandes acontecimentos sociais da nossa cidade. Outra prova disso tivemos quarta-feira última na reunião dançante oferecida em homenagem à Marinha de Guerra que nos visitou.” (ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958).

Ao elogiar essas associações as cronistas acabam por elogiar os seus sócios e, conseqüentemente, elas mesmas. Ao tratar esses locais por “grandioso”, “mui nobre”, “luxuoso” está implícito que seus freqüentadores também o são. Assim, as cronistas, participantes destas festas, se auto-enobressem.

A partir do que foi exposto até o momento, pode-se perceber que os bailes são espaços usados por um grupo específico de pessoas para traduzir e reafirmar sua identidade. Dizendo quem é quem e reafirmando as qualidades da elite, são construídas as representações sobre ela, uma (auto)imagem é incorporada. A percepção do mundo e de suas divisões, de si mesmo e dos “outros”, determina as ações e classificações deste grupo. Esta identidade é exibida materialmente e por meio de comportamentos por representantes legítimos, responsáveis pela estabilidade desta identidade e sua continuidade como forma legítima de representação e poder. Por meio de um discurso elogioso, tanto das pessoas como dos lugares, de uma forma determinada de se vestir, de falar, de dançar, enfim, de se comportar, busca-se a definição de quem é esta elite e a diferenciação de outros grupos e espaços existentes na cidade.

FONTES ANALISADAS

Jornais

- CLUBE CAIXEIRAL, “*Carnaval*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1956.
CLUBE CAIXEIRAL, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 23/06/1950.
CLUBE DO COMÉRCIO, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 16/07/1955.
JORNAL RIO GRANDE, Reportagem, 13/05/1955.
MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956, Nº 233, Ano XLIII, p. 4.
MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 02/10/1956, Nº 246, Ano XLIII, p. 2.
MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956, Nº 254, Ano XLIII, p. 2.
MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957, Nº 28, Ano XLIV, p. 2.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1958, Nº 29, Ano XLV, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 20/01/1958, Nº 40, Ano XLV, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/09/1958, Nº 236, Ano XLV, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958, Nº 264, Ano XLV, p.4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 20/10/1958, Nº 266, Ano XLV, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958, Nº 21, Ano XLVI, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 14/01/1959, Nº 35, Ano XLVI, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 21/01/1959, Nº 41, Ano XLVI, p. 4.
ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/01/1959, Nº 46, Ano XLVI, p. 4.
ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 23/03/1959, Nº 89, Ano XLVI, p. 4.
ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 14/09/1959, Nº 219, Ano XLVI, p. 4.

Entrevistas

ALBRECHT, Walter. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [07 dezembro 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

ARRUDA, Marlene de La Rocha; TRAPAGA, Eneida Dourado. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [18 dezembro, 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

COSTA, Carmem Bergamaschi. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [17 junho 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

MIRANDA, Glacy Serrat Leivas. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [24 abril 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1991.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

PELISSARI, Marina Krüger. **Festas de elite**: sociabilidades, costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2008.

PELISSARI, Marina Krüger. **As elites no jornal**: representações e identidades na crônica “Flash Social” (Jornal Rio Grande – 1956-1957). Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, N° 7, 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>. Acessado em 20 out. 2007.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.